



## **An unlikely catalogue of the production of azulejos by Fábrica Roseira of Lisbon circa 1870**

## **No Caminho do Oriente... um catálogo da produção de azulejos da Fábrica Roseira circa 1870**

### **João Manuel Mimoso**

*Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, Portugal, jmimoso@lnec.pt*

### **Alexandre Nobre Pais**

*Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, Portugal, apais@mnazulejo.dgpc.pt*

### **Joana Campelo**

*Direção-Geral do Património Cultural, Lisboa, Portuga, joanacampelo@gmail.com*

### **Maria de Lurdes Esteves**

*Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, Portugal, mesteves@mnazulejo.dgpc.pt*

*SUMMARY: In the second half of the nineteenth century the Roseira factory in Lisbon was one of the most important manufacturers of façade tiles used both in Portugal and in Brazil. “Casa das Bolas”, a condominium building in Lisbon informally named after the glazed tiles decorated with spherical elements in trompe l’oeil of its ground-floor façade, was owned by a member of the Roseira family who erected it using parts of an earlier construction in 1871-72. In its interior can be seen an authentic showcase of patterns produced by the factory and applied in apparently random order under the inside of the window sills and in some service areas. The singularities of this application, associated with the high number of patterns therein (over 50), make it an important reference for the study of façade tiles in the first decades of their use. It is an invaluable source of information about a factory that was possibly the first to produce façade tiles in Lisbon and despite having supplied many of the tiles seen at the Royal Pena Palace in Sintra and at other important constructions of the time, such as the Beau Séjour Palace in Lisbon, remains almost unknown.*

*KEY-WORDS: Fabrica Roseira; façade glazed tiles; azulejos in Lisboa; ceramic architecture decorations in the 19th century.*



## No Caminho do Oriente... um catálogo da produção de azulejos da Fábrica Roseira circa 1870

*RESUMO: Propriedade de uma família associada à Fábrica Roseira, uma das que na segunda metade do século XIX terá sido responsável por uma parte da produção de azulejos empregues em fachadas, a chamada “Casa das Bolas” (assim denominada devido ao padrão de elementos esféricos em trompe l’oeil que ornamenta o registo inferior da sua fachada) é um importante caso de estudo. O actual edifício, reconstruído pela família Roseira em 1871, tem no seu interior um autêntico mostruário de padronagens seguramente produzidas pela fábrica, aplicados de forma aparentemente aleatória no interior das janelas e em algumas áreas de serviços. A invulgaridade desta aplicação, associada ao número elevado de motivos (mais de 50) que aí se encontram, tornam este conjunto uma importante referência para o estudo da azulejaria de fachada e, em particular, para o conhecimento de uma fábrica que, apesar de ter fornecido uma parte importante dos azulejos para o Palácio Real da Pena e ter sido responsável pela criação de alguns padrões únicos na época, permanece ainda quase desconhecida.*

*KEY-WORDS: Fabrica Roseira; azulejos de fachada; azulejos em Lisboa; arquitectura do Romantismo.*

## NO CAMINHO DO ORIENTE... UM CATÁLOGO DA PRODUÇÃO DE AZULEJOS DA FÁBRICA ROSEIRA CIRCA 1870

No percurso do excelente *Caminho do Oriente - Guia do Azulejo*, Luísa Arruda chega assim ao Beco do Belo [1]:

*A norte do Largo do Museu Militar pode ver-se uma grande fachada azulejada da segunda metade do século XIX, verdadeiro pano cenográfico que fecha o limite do espaço. [...] Nos diferentes andares do edifício foram colocados fragmentos de padrões da Fábrica Roseira, interessando especialmente os que esta fábrica produziu para o Palácio da Pena- Sala de Jantar, a sala dita Casa de Banho das Damas, um padrão neomourisco utilizado na fachada do palácio e, finalmente, o padrão que reveste o interior do acesso à torre do relógio. [...] Estes factos explicam-se porque no prédio “das esferas” viveu João Roseira, proprietário e pintor da fábrica [...]*

Este texto chamou-nos a atenção para este edifício ilustrado na figura 1 (que designamos por “Casa das Bolas”, como ouvimos um dia a um vizinho, por causa do padrão de esferas usado no azulejamento do piso térreo) e para o interesse dos tais “fragmentos de padrões” utilizados no interior.



Figura 1- A “Casa das Bolas” na época em que se encontrava em venda (Nov. de 2012)

NOTA: todas as fotografias são dos autores.

Há cerca de dois anos o prédio foi vendido e por amabilidade do novo proprietário, o arquitecto Wolfgang Zichy de Vasonkeo, e do Sr. Henrique Lourenço, da empresa Lovarte, empreiteira do restauro, foi possível aceder demoradamente a todos os espaços interiores à medida que foram sendo desocupados.

O conjunto edificado ostenta cartelas com as datas “1872” e “1875”. A primeira refere-se, eventualmente, à data de conclusão da reconstrução do edifício, já então na posse de João Roseira, o qual menciona no documento de uma vistoria datada de 1871, “(...) *que fora obrigado pela Câmara a demolir a sua propriedade por estar arruinada, e que não quer nem pode, por falta de meios pecuniários, fazer uma grande construção, mas apenas uma reconstrução e no antigo alinhamento correspondente a uma expansão posterior que lhe acrescentou um pequeno anexo e jardim.* (...)”.[<sup>2</sup>]. Relativamente à segunda data (1875) é possível que a mesma corresponda a “(...) *Que para se dar o alinhamento conforme está estabelecido do lado Norte da rua Nova, e para se estabelecer o alinhamento do lado Oeste do prédio, é preciso inutilizar-se a actual entrada para o dito beco do Bello, e fazer-se-lhe uma nova entrada no local onde está situado um pequeno terraço pertencente a uma casa que foi ultimamente demolida e estava edificada no sobredito beco, com os números oito a dez de policia* (...)” [<sup>2</sup>].

Através desta documentação é possível determinar que em 1871 existia neste local um edifício já na posse de João Roseira (convenientemente localizado próximo da fábrica que tinha o seu nome de família) e que, por ser considerado em estado de ruína, o proprietário foi notificado pela Câmara de Lisboa a demolir. O que então fez foi uma reconstrução, presumivelmente aproveitando paredes-mestras, tendo o edifício assumido a feição que hoje



Ihe conhecemos. É possível que a real ou imaginada “falta de meios pecuniários” (sic) possa explicar o reaproveitamento de um variado número de elementos cerâmicos que aqui se encontram. Na verdade, para compreender o conteúdo da Casa das Bolas convém considerar primeiro a balaustrada do último piso (figura 2).

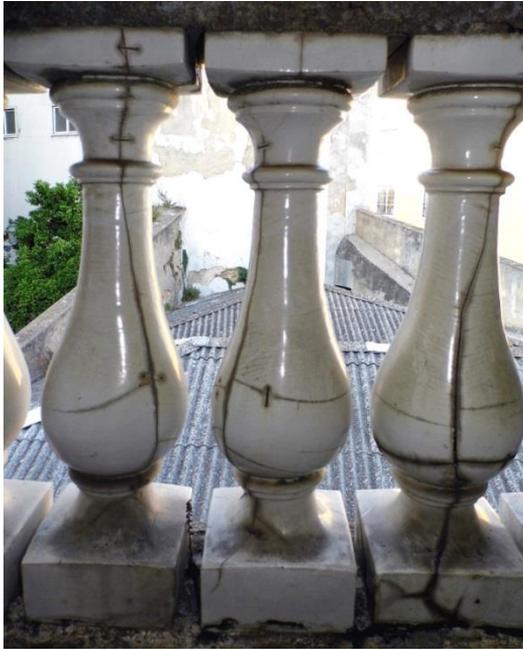


Figura 2- Balaústres cerâmicos colocados no remate da fachada da “Casa das Bolas” e onde são visíveis as inúmeras fracturas e gatos que indiciam o seu reaproveitamento

Os balaústres são, como se reconhece, reaproveitamento de refugo da fábrica ou, talvez dessa pré-existência, recuperado com gatos, e isto apesar, frise-se, do facto de o edifício pertencer ao irmão do dono da fábrica, que a viria a dirigir alguns anos mais tarde, entre 1885 e 1895, conforme investigação de Luisa Arruda [3]. De acordo com Charles Lepierre a produção de azulejos e balaústres na fábrica ter-se-á iniciado cerca de 1840 [4].

Os painéis de azulejo do interior, frequentemente fragmentários, foram também montados com restos e, eventualmente, refugo das produções, constituindo um catálogo que se estima referir-se maioritariamente à década de 1860 até à data de reconstrução do edifício (o mais tardar 1875). A figura 3 mostra como se encontram dispostos os grupos mais completos, revestindo paramentos interiores sob as janelas.



Figura 3- Quatro padrões de azulejos e dois de frisos diferentes colocados na base do parapeito de uma das janelas

No exemplo da figura 3, o primeiro com que deparamos ao entrar numa das habitações, reconhecem-se quatro padrões diferentes, dos quais dois são variantes, e um esponjado. Os padrões 1 e 2 foram utilizados noutras obras como revestimento sob cornijas. Um raro exemplo de um padrão duplo é o da fachada do Palácio do Beau Séjour em Lisboa, onde foi utilizado o tipo indicado por “1” na figura 3. Observa-se ainda duas variantes de um friso.

A mistura de tipos numa mesma área deve-se ao facto de se tratar, muito provavelmente, de um re-aproveitamento de sobras de encomendas. Assim, estaríamos não perante padrões que se poderiam adquirir “por catálogo”, ou seja com motivos de produção seriada que se poderiam encontrar em vários outros locais, mas antes de produções específicas para determinada obra. Deste modo, sempre que estes azulejos estão perfeitos, a sua preservação é fundamental pois trata-se de padrões raros, nalguns casos nunca encontrados, provavelmente por terem sido manufacturados para obras específicas, em Portugal ou no Brasil, algumas das quais inacessíveis (caso de interiores) ou mesmo já desaparecidas.

Quando os motivos são correntes, como o caso dos frisos (os da figura 3 foram muito utilizados em Lisboa com a flor azul - Palácio do Beau Séjour - ou rosa) trata-se em geral de refugo. No caso dos da figura 3 a cor rosa não tem a intensidade devida.

As imagens seguintes ilustram alguns outros exemplos que revestem paramentos interiores sob as janelas.



Figura 4- Padrão de pequenas flores azuis usado no Beau Séjour e em outros edifícios desde, pelo menos, o início da década de 1850. Neste caso os azulejos de fachada não parecem defeituosos, mas os do friso, um padrão muito utilizado pela Fábrica Roseira, sim: o azul de cobalto tem um tom demasiado claro ou a decoração incompleta (como ocorre com aqueles que surgem sinalizados na imagem).

Um aspecto particularmente interessante neste “mostruário” é a presença de vários exemplares de azulejos que a Fábrica Roseira fez para o Palácio da Pena, após terem sido recusados os produtos de anteriores fabricantes para o local: Justiniano José de Azevedo Netto (que forneceu azulejos em 1839) e J. A. da Silva (responsável pelo fornecimento de azulejos em 1851) [5]. Uma das encomendas à Fábrica Roseira (era então proprietário Vicente Roseira, pai do dono da “Casa das Bolas”) e que devem ter ajudado a promover esta unidade de produção enquanto fornecedora de materiais para um palácio real, foram os azulejos de padrão de tipo *hispano-mourisco* que se encontra em duas variantes no interior da “Casa das Bolas” (figura 5).



Figura 5- Azulejos de padrão neo-mourisco utilizados na Fonte dos Passarinhos e na fachada do Palácio da Pena. Note-se, nesta imagem, a existência de uma segunda combinação de cores, utilizando um pigmento rosa em vez do vinoso de manganês, que não se conhece da Pena, bem como o friso (padrão de rosas) também com a cor defeituosa.

Igualmente produzidos cerca de 1867 para o preenchimento da *Sala de Jantar* do Palácio da Pena (era então proprietário Eugénio Roseira, irmão do dono da “Casa das Bolas”), são os azulejos em forma de estrelas, em verde e rosa, que também se podem encontrar numa outra janela deste edifício (figura 6). Sabemos pela documentação que para o Palácio foram fornecidos cerca de 11.500 unidades [6].

Também azulejos num tom vivo de amarelo, de menor dimensão, similares aos que haviam sido produzidos para os torreões do Palácio da Pena, inicialmente por J.A. da Silva (em 1851) e posteriormente finalizados por Vicente Roseira (em 1867), e para o *Beau Séjour* podem ser observados, numa combinação de xadrez noutra das janelas da “Casa das Bolas” (figura 7).



Figura 6- Azulejos de pequenas dimensões (cerca de 8 cm) com padrão estrela idêntico e na mesma combinação de cores utilizada no Palácio da Pena e para aí enviados em 1867. Estes azulejos não têm defeitos e constituem muito provavelmente remanescentes dos fornecimentos para a obra desse palácio.

Foram também reconhecidos padrões que ocorrem na Pena e no Beau Séjour mas em combinações de cores diferentes (figura 8), em aplicações semelhantes às apresentadas noutras áreas de serviços ou de lazer e ainda diversos azulejos soltos.

Na totalidade registaram-se cerca de 50 padrões diversos - um catálogo da produção da Fábrica Roseira na época em que os azulejamentos se difundiam com particular intensidade. Esta informação, de que se pode retirar interessantes conclusões quanto à importância da fábrica numa época em que também fornecia o Brasil, está em curso de sistematização e será oportunamente publicada.



Figura 7- Axadrezado de azulejos de pequena dimensão utilizado pela Fábrica Roseira em diversas combinações de cores. Estes pequenos azulejos amarelos foram utilizados, tanto no *Beau Séjour*, como no Palácio Pena (aqui datados de 1867) em revestimentos exteriores.



Figura 8- Padrão comum da Fábrica Roseira, muito copiado por outros fabricantes, utilizado no *Beau Séjour* nas cores vinho e azul escuro e também, nas cores amarelo e verde, no Palácio da Pena, estes datados de 1867



## Créditos

Investigação realizada no enquadramento da cooperação entre a Direção Geral do Património Cultural / Museu Nacional do Azulejo e o Laboratório Nacional de Engenharia Civil cuja participação se realiza ao abrigo do Projeto 0202/111/19014 do Plano de Investigação e Inovação do LNEC 2013-2020.

## Referências bibliográficas

- <sup>1</sup> ARRUDA, L. - *Caminho do Oriente- Guia do Azulejo*, Livros Horizonte, Lisboa 1998, pps. 14-16;
- <sup>2</sup> Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, *Auto de vistoria de 26 de Setembro de 1871*, caixa 8, cota 492 (actual 529).
- <sup>3</sup> ARRUDA, L. - *op. cit.*, pp. 35.
- <sup>4</sup> LEPIERRE, C. - *Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna*, in Boletim do Trabalho Industrial, nº 78, Tipografia da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos, Lisboa, 1913, 2ª ed., pp. 112.
- <sup>5</sup> TEIXEIRA, J. - *D. Fernando II Rei-Artista, Artista-Rei*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa, 1986, pps. 325-327.
- <sup>6</sup> TEIXEIRA, J. - *op. cit.*, pp. 326.